

Terapia Interpessoal e Estados Co-Inconscientes, Um Relato De Progresso Na Teoria Psicodramática¹

J.L. Moreno, M.D. (Instituto Moreno, Beacon, N.Y.)

I. Nota histórica

A psicoterapia de grupo e o psicodrama tiveram um destino histórico similar. Tiveram que defender seus direitos de nascimento contra os esforços persistentes do movimento psicanalítico para absorvê-los, desde que eu os trouxe de Viena para os EUA em 1925.

A psicoterapia de grupo se desenvolveu por uma década (1925-1935) dentro da estrutura da psiquiatria e das ciências sociais, com a estrutura de grupo (sociodinâmica, sociometria e microsociologia), e o conceito de papel como pedras angulares, até perto de 1936 quando a intervenção psicanalítica começou (Renouvier, 1957). Esta intervenção quebrou o método em duas direções, a direção original, psicoterapia de grupo "socioanalítica" e a segunda direção, psicoterapia de grupo "psicanalítica". Desde então os socioanalistas e os psicanalistas estiveram em luta uns contra os outros, um conflito que ainda não foi resolvido.

O psicodrama, com o sociodrama e o roleplay como suas subdivisões, permaneceu quase intacto até aproximadamente 1950. Foi mais uma vez a intervenção dos psicanalistas que tentou trazer um cisma. Esta vez, entretanto, o cisma não veio dos EUA, mas da França. O psicodrama "clássico" foi confrontado pelo psicodrama "analítico". (Anzieu, 1959). As operações são mais ou menos as mesmas, com exceção das visões diferentes a respeito do valor da interpretação.

II. Estados Co-Inconscientes e a função da "Interpsique"

O "retorno a Freud" é uma reação nostálgica de cada geração nova de psicanalistas. Sempre que um método novo aparece em cena, eles têm que tomar uma decisão, ou de aceitar a nova orientação na sua forma mais pura, ou de retorná-lo a seu pai, Freud, adaptando-o à teoria psicanalítica, pelo menos lhe dando uma aprovação "fingida". O movimento desses e o vaivém entre um anti-Freudismo extremo e um Freudismo extremo pode ser exibido em nome de cada conceito da psicoterapia de grupo e do psicodrama. A tarefa de como: (1) harmonizar traumas do passado remoto com o momento presente, a estrutura do aqui e agora, a constelação atual de eventos; (2) relacionar as "abreções" do organismo individual com a estrutura do papel em que ele opera; (3) harmonizar a psicologia do ego com a psicologia do papel; (4) combinar o caráter dissociativo da transferência com a função integrativa da tele; (5) reconciliar a psicodinâmica com a sociodinâmica; (6) confrontar fenômenos intrapsíquicos com as relações interpessoais; (7) harmonizar fenômenos psicológicos com um conceito monístico do corpo, apresenta grandes dificuldades. A teoria de Sullivan das relações interpessoais (1938) não adicionou "nada novo" à situação psicanalítica clássica. Esta é a razão pela qual foi aceito tão facilmente. Meu próprio sistema das relações interpessoais de "dois modos" (1937) que precedeu o de Sullivan foi "passado por cima". Agora é considerado como o núcleo da teoria interpessoal.

¹ Título original: Interpersonal Therapy and Co-Unconscious States, A Progress Report in Psychodramatic Theory. Publicado originalmente em *Group Psychotherapy*, 14 (3-4), 234-241 (Sept-Dec., 1961). Tradução livre de Maria Cristina Botta Fonseca, para o DPSedes.

Mais recentemente é a teoria do inconsciente psicanalítico que está em uma crise séria. Nós não temos como provar a idéia de que o inconsciente é uma "entidade" que é a base e domina todos os fenômenos psíquicos. Nós preferimos falar sobre os "estados" inconscientes. A distinção que Freud fez entre inconsciente e pré-consciente provou ser igualmente improdutivo. A "origem" de estados inconscientes provavelmente está próxima da origem dos sonhos noturnos. Ambos podem ser compreendidos como formas de "criatividade" introvertida (veja meu "Canon de Creativity" em Quem Sobreviverá?). O inconsciente individual (Freud) e o inconsciente coletivo (Jung) foram considerados insuficientes para cobrir a vasta área das relações interpessoais. O inconsciente individual se relaciona com a psique de um único indivíduo. O inconsciente coletivo de Jung é universal, mas falta-lhe prova inaplicável a qualquer coletividade concreta que se defronta com o terapeuta. Os avanços da terapia interpessoal tornaram imperativo definir e estudar os fenômenos entre pessoas e entre grupos e com isto hipotetizar sobre a existência de estados co-conscientes e co-inconscientes. A hipótese de estados co-inconscientes tem grande valor metodológico; permite-nos estudar estados inconscientes dentro de um ambiente experimental. (Veja meu Psicodrama, volume II).

O "primeiro" encontro entre dois indivíduos que se destinam a formar um conjunto íntimo é o ponto de partida de estados co-conscientes e co-inconscientes. Estes estados ganham em significância de encontro para encontro. Eles são experimentados e produzidos juntamente e podem, portanto, somente juntos, serem reproduzidos ou reencenados. Um estado co-consciente ou co-inconsciente não pode ser propriedade de um único indivíduo. É sempre uma propriedade comum e não pode ser reproduzido, senão por um esforço combinado. Se uma re-encenação de um estado co-consciente ou co-inconsciente é desejada ou necessária, esta tem que acontecer com a ajuda de todos os envolvidos no evento. O método lógico de tal re-encenação, a "dois" ou "vários", é o psicodrama. Por maior que seja a habilidade perceptual de um parceiro do conjunto, ele não pode produzir esse evento sozinho porque ambos os parceiros têm em comum seus estados co-conscientes e co-inconscientes que são a matriz da qual tiram sua inspiração e conhecimento. Os estados co-conscientes e co-inconscientes são fenômenos que eles "co"-produziram e que operam entre parceiros que vivem em conjuntos "íntimos" e que não podem ser substituídos por outras pessoas; são insubstituíveis. Eles estão ligados através dos "encontros"; é a própria vida que os liga e são as experiências da vida que desenvolve entre eles uma "intersique", um fluxo estruturado de estados co-conscientes e co-inconscientes. Os encontros entre indivíduos e os estados co-conscientes ou co-inconscientes desenvolvidos entre eles são a fonte das quais a tele, a transferência e a empatia fluem. Sua operação dentro de cada setting de grupo foi declarada por muitos observadores e se chegou a um consenso. *A transferência dissocia; a empatia percebe; a tele integra.*

Minha experiência com sofás múltiplos (1921) levantou a pergunta: Como podem diversos indivíduos, cada um com uma trilha inconsciente separada, se comunicar em um nível inconsciente? Com o propósito de tornar tais comunicações plausíveis nós podemos assumir a existência de estados co-conscientes e co-inconscientes. Eles representam um papel importante na vida das pessoas que vivem um contato íntimo, como o pai e o filho, o marido e a esposa, a mãe e a filha, os irmãos e os gêmeos, amantes e amigos próximos, mas igualmente em outros conjuntos íntimos como em equipes de trabalho, em equipes de combate na guerra e nas revoluções, em campos de concentração ou em grupos religiosos carismáticos. Sendo jogados juntos pelo destino social em situações que exigem uma rápida comunicação, a co-ação e a cooperação rápidas, tais pessoas devem freqüentemente agir não somente como indivíduos, separados uns dos outros, mas como um conjunto. Tais pessoas, envolvidas numa imediata e freqüentemente espontânea e mal preparada co-ação, têm que superar várias

dificuldades emocionais ao se confrontar. Não é uma interação entre parceiros desiguais como na simbiose entre a mãe e a criança, mas entre dois parceiros iguais que são suficientemente maduros para se desafiar. É um "encontro" entre dois indivíduos, em que ambos desenvolveram um eu próprio.

III. Desenvolvimento do Conceito de Estados Co-Inconscientes

A primeira vez que eu suspeitei da existência de estados co-conscientes e co-inconscientes estava em meu trabalho com atores espontâneos (1921 e 1923). Um elenco de atores, dia após dia trabalhavam rotineiramente juntos e tinham que ganhar uma percepção intuitiva de como os vários co-atores numa "nova" situação inteiramente não ensaiada podem pensar, sentir ou agir, de modo que pudessem agir em conformidade e produzir juntos uma cena significativa. Eu postulei então que os co-atores em produções espontâneas têm que desenvolver um tipo especial de talento de comunicação que eu chamei "compreensão média". "Eles têm um tipo de sensibilidade para as operações internas mútua, um gesto é o suficiente, e muitas vezes precisam um do outro."

O conceito de compreensão média foi o precursor do que eu chamo hoje de estados co-conscientes e co-inconscientes. Tal técnica de compreensão recíproca e memória interpessoal pareceu tornar possíveis surpreendentes psicodramas de casais, em que marido e esposa voltando de novo ao seu primeiro encontro e revivendo, freqüentemente, com detalhes surpreendentes, todos seus momentos de amor e sofrimento, suas tragédias silenciosas e seus momentos de grande decisão (Moreno 1923).

Nós chamamos qualquer processo mental de co-inconsciente se nenhum dos parceiros íntimos se recorda de um episódio que nós sejamos obrigados a assumir que ocorreu. Grandes partes da interpsique são normalmente co-inconscientes.

Nós chamamos um processo mental parcialmente de co-inconsciente se um membro do conjunto íntimo é amnésico em relação ao episódio, enquanto o outro membro o recorda. Tal amnésia pode ser explicada de diversas maneiras:

1) O parceiro A não se lembra porque ficou na posição do ator quando a cena ocorreu; o parceiro B se recorda porque ficou na posição do observador (teoria da "fome de atos" no psicodrama). 2) O parceiro A reprimiu a cena porque era desagradável para ele recordar. 3) As explicações 1) e 2) podem complementar-se. No *acting-out* dos episódios significativos em que ambos os parceiros são amnésicos, eles geralmente começam em um ponto que ambos vêem claramente (estados co-conscientes). São guiados por vívidos "quadros de co-dramatização". "Foi no dia 17 de Setembro, depois da ceia, na sala de estar". Vem agora um espaço em branco para ambos, em que começam a explorar alternativas. "Você estava em pé." "E você estava sentado perto do piano - você rasgou o retrato de minha mãe em pedaços." Eles começam a se mover ao redor, a jogar para fora fragmentos e então os perdem, até que alcancem sua trilha comum. (Moreno introduz aqui uma nota de rodapé sobre as técnicas mnemônicas de uma pessoa com uma memória extraordinária, como descrita pelo psicólogo A.R. Luria.)

A exigência mínima para uma prova quase-científica de que um evento tenha ocorrido é que haja pelo menos dois indivíduos que compartilham a experiência desse evento, que podem reencená-lo sem se comunicar um com o outro antes, isto é, sem ensaio. Se, por exemplo, o marido A e a esposa B reencenam uma determinada cena X, em que foram atores participantes, assim como observadores participantes, eles podem então reconstruir esse evento com um grau justo de competência. Nós

deveríamos assumir, naturalmente, que em tal experiência eles iriam se aquecer um ao outro, para essa recordação, iriam atuar e não somente falar sobre ela. Depois que conscientemente eles encenaram juntos um episódio que ambos recordem, podem derivar nos episódios que ambos esqueceram parcialmente ou inteiramente. Durante tal experimentação nós encontramos várias discrepâncias. É raro os dois parceiros perceberem e reencenarem esse episódio da mesma maneira, mas há alguns casos puros. (*Categoria de identidade pura, mas separada.*) Em um grande número de casos, cada um dos parceiros reencena sua lembrança, assim como determinados aspectos do evento dos quais o outro parceiro é alheado. Nós podemos dizer, conseqüentemente, que há uma porção a, com a qual o parceiro A se identifica; então há uma porção b, com a qual o indivíduo B se identifica; nenhum deles pode recordar a porção do outro (*categoria de identidade misturada*). Então há uma terceira categoria de relacionamento, um determinado episódio compartilhado que não é recordado por nenhum dos dois parceiros; no curso do aquecimento e da reencenação, eles tropeçam sobre alguns fragmentos e chegam a um acordo. Isto acontece freqüentemente nas partes cruciais de uma experiência comum. (*Categoria de identidade comum.*) Resumindo, há certos episódios que são importantes para A, certos episódios que são importantes para B, e há alguns importantes para ambos.

Nosso argumento é, conseqüentemente, se A sozinho não pode reencenar o episódio inteiro e B também não pode fazê-lo só, mas se A e B conseguiram fazê-lo juntos, é plausível postular estados co-inconscientes. Alguém pode, naturalmente, discutir a favor de uma hipótese diferente, uma ciência dos sinais (semiosis): A e B, estando intimamente relacionados, podem ter desenvolvido no curso dos anos um número de sinais e símbolos que reconhecem mutuamente como significativos, *locus* de objetos físicos, sinais do espaço, sinais da vacância, condições do tempo, viradas repentinas da cabeça, expressões faciais, sons e palavras, ou de sentenças. Mas estas expressões motoras e sinais locais também podem ter se transformado igualmente uma parte de suas constelações co-inconscientes. As duas hipóteses podem facilmente ser combinadas e testadas. Muita pesquisa é ainda necessária para tornar a hipótese de estados co-inconscientes plausível, mas há a vantagem de que nós podemos trabalhar abertamente com os conjuntos íntimos de vários tamanhos, mudemos nossas hipóteses e estabeleçamos uma base empírica para a construção hipotética.

IV. Estados Co-Inconscientes em Contextos Sociais e Culturais, um Psicodrama Forense

Concebeu-se que os estados co-inconscientes são o resultado da experiência interpessoal direta entre conjuntos íntimos de indivíduos. Mas podem ser igualmente o resultado de experiências compartilhadas em um nível social e cultural. O contato pessoal dos conjuntos íntimos é então substituído pelo contato indireto, transpessoal ou simbólico. A interpsique familiar é substituída então por uma "interpsique" cultural. O sociodrama de um grupo global de participantes torna-se praticável como, por exemplo, no caso da experimentação recente de Eichmann (endereçada na última introdução desta revista) em que as experiências comuns compartilhadas por povos de todas as classes sociais foram trazidas para acompanhamento.

V. Discussão Geral e Sumário

Eu observei nas reencenações, de conjuntos íntimos e coletivos, um número de regras. A memória de experiências compartilhadas difere nos parceiros.

1) Dois ou mais indivíduos podem complementar-se ou estar no conflito porque um excede na percepção visual de suas experiências comuns, o outro na percepção acústica ou de cor, devido às diferenças em seus instrumentos sensoriais.

2) Dois ou mais indivíduos podem complementar um ao outro ou estar em desacordo um com o outro porque seus sentidos psicomotores diferem. Um excede na sensibilidade para pistas na locomoção; por exemplo, andando para baixo durante a reencenação, se recorda que na cena real as escadas estavam curvas e não em linha reta. Sua parceira, que estava inteiramente em branco para esta pista na locomoção, agora que ela se vê participando deste episódio, pode adicionar sua própria reconstrução; na parte inferior das escadas ela curva sua cabeça e ajoelha-se como se estivesse numa oração.

3) Na dramatização de seu futuro, usando a técnica de Projeção Futura de como esperam morrer, eles esperam morrer juntos, mas ele vê a morte vindo em uma explosão, enquanto ela os vê sendo vítimas de uma epidemia. Estar em acordo ou desacordo a respeito de seu "futuro" é freqüentemente um indício para um relacionamento harmonioso ou mal ajustado.

O relacionamento dos estados co-conscientes aos co-inconscientes opera em vários níveis de intensidade e profundidade. Em alguns parceiros os estados co-conscientes de experiências comuns podem ser relativamente elevados. Os parceiros podem ter uma memória quase fotográfica para determinados eventos, por exemplo, para o primeiro encontro, devido a um caso extremo de clarividência de um para o outro. Ou pode resultar de uma longa vida de aceitação gradual, adaptação e integração, de modo que o que eles recordam, ambos recordam bem, e o que escondem um do outro, pode ter diminuído muito. Então há parceiros que, embora compartilhando experiências, viveram vidas praticamente separadas. Sua escala de estados co-conscientes pode ser fraca e em números pequenos. Sua escala de estados co-inconscientes pode dominar seu relacionamento.

Um dos problemas cruciais na área de relações interpessoais e intergrupais é fisiológico, pelo menos tanto quanto nosso conhecimento atual vai. Cada parceiro individual tem seu próprio cérebro que registra todas suas impressões, incluindo as impressões que supõe que seu parceiro tenha. O que é verdadeiro sobre o parceiro A é igualmente verdadeiro sobre o parceiro B, C, D, etc. Cada um depende de seu próprio cérebro. Este pode ser um sistema adequado para um indivíduo único, mas o que falta é um órgão de sincronização das condições fisiológicas de todos os cérebros, cérebros individuais, cérebro A, cérebro B, cérebro C, cérebro D, etc. e de suas contrapartes epi-fenomenais, do cérebro C, do cérebro D, etc., e de suas contrapartes epi-fenomenais, as psiques destes indivíduos. O que falta é um "co-cérebro", "um cérebro da humanidade." O fato de que a natureza não nos forneceu um sistema de co-cérebro, uma espécie da fisiologia cerebral da humanidade, é provavelmente a razão pela qual os sociometristas, sociólogos, cibernéticos, antropólogos, religiosos, etc., estão tentando inventar um substituto para tal cérebro. O sociograma, a matriz sociométrica, a calculadora automática, etc. são ilustrações de tais esforços. As experiências da percepção extra-sensorial, o treinamento na percepção tele e na espontaneidade, poderiam eventualmente no processo de evolução produzir este co-cérebro, séculos ou milênios a partir de agora. Parecerá então como se a natureza tivesse fornecido para nós todos tal órgão da sincronização. Será uma parte de nosso sistema do mundo, tão bem integrada nele, como o córtex cerebral no organismo individual.

Referências Bibliográficas :

Anzieu, D., *Le Psychodrame Analylique Chez L'enfant*, Presses Uni%-cr1i!:i!.1c:. 1959

Moreno, J. L. (1937). *Psychopathology of Interpersonal Relations*, Sociometry, Vol, 1,

Moreno, J. L., *Das Stegreiftheater*, 1923, p. 57. Translated into English, *The Theater of Spontaneity*, 1945, 1). 08.

Moreno, J. L., *Das Stegreiftheater*, p. 75-78, *The Theater of*

Renouvier, Pierre (1957), *The Group Psychotherapy Movement and J. L. Moreno, Pioneer and Founder*, Beacon House, Inc., New York, 1957.

Sullivan, Harry Stack (1938). *Psychiatry*, Volume I.

Em relação à memória, Moreno traz uma nota de rodapé: Recentemente eu li um artigo por A.R. Luria, "Memória e a Estrutura de Processos Mentais" em *Problemas da Psicologia* (números 1 & 2, 1960, imprensa de Pergamon, New York City), em que ele descreve um homem dotado com uma memória fenomenal. O relatório de Luria não tem nenhum suporte nas relações interpessoais e na "memória interpessoal", como tratado aqui. O relatório se refere aos processos de memória de um único indivíduo; mas a técnica mnemônica pictórica que o sujeito usou para memorizar um texto numa língua desconhecida para ele (italiano) é semelhante à técnica clássica do psicodrama de *acting-out* numa estrutura de referência familiar, concretização de cenas da vida, usando os nomes das pessoas que se conhecem, objetos, ruas, formas do discurso e espaço e sinais de tempo. Como nós sabemos, nossos protagonistas, ao usarem os denominadores mais íntimos e privados de sua vida, se sentem excessivamente confortáveis na apresentação de suas experiências mais estranhas. Este homem, Shereshevskii, ao colocar palavras desconhecidas que tem para recordar em uma rede personalizada vívida, no psicodrama, é capaz de carregá-las ao longo da vida e recordá-las a qualquer momento no futuro. Segue aqui um exemplo dado pelo Dr. Luria na página 85 da revista acima mencionada: "O começo da Divina Comédia de Dante foi dado para Shereshevskii Jor memorizar. Lentamente, isolando cada palavra, ele leu uma série de linhas. Vamos nos ater às primeiras três linhas:

No meio do caminho da nossa vida

Eu me encontrei numa selva escura

Que a reta vis foi perdida.

Aqui está a técnica de memorizar empregada por Shereshevskii, gravada diretamente no momento da experiência (dezembro 1937); a segunda reprodução foi 15 anos mais tarde: "Eu conheci uma mulher chamada Nel' skaya – uma bailarina. Eu a coloquei num corredor (nel); ao lado dela eu coloquei um violinista, ele está tocando um violino (mezzo)...; então há alguns cigarros de Delhi (del); ao lado disso eu ponho uma chaminé (cammin); (di)... Há uma mão apontando para a porta... alguém diz "saia" (nos.)... um homem espreita através da porta... tem seu nariz capturado; (tra) pisa sobre o batente; há uma criança deitada lá... isto é vida; (mi) Eu coloco um judeu na cena, ele diz ' Nós não temos nada a fazer com isto' ; (ritro) - uma retorta, um tubo transparente pequeno; (vai)... uma Judia corre gritando " ai, vai" ... ela corre e quando chega na esquina da rua Lubyanskii há um pai(per) em

um táxi; há cobre na esquina, de pé reto como a figura 1 (una); ao lado dele eu ponho um estrado e Sel'va está dançando nele (selva); assim, de modo a que não se confunda com o Silva eu visualizo o palco que está rachando abaixo dela e produzindo o som da letra "e" ; há um eixo (ósmio) furando fora do palco e ele está apontando para uma galinha (curs). (Che) – este é talvez um Chinaman-Chechen; ao lado dele. Eu coloco uma mulher, uma parisiense (1a), que se torna Die em alemão (di); (ritta) – esta é minha assistente Margarita, etc., etc.

Esta nota não faz justiça ao artigo do Dr. Luria. Refere-se somente a um aspecto dele. O relatório merece ser lido na sua totalidade.